

A PSYCHÉ NA FILOSOFIA ANTIGA

*Jan Gerard Joseph ter Reegen**

RESUMO

Pretende-se oferecer neste estudo uma visão sobre uma das questões mais intrigantes da Filosofia: o que é a alma, analisando as concepções dos diferentes filósofos da Filosofia Antiga Grega. Em razão de sua importância e influência na filosofia ocidental, e também por causa de sua visão mais completa, será dada uma atenção especial às opiniões de Platão e Aristóteles.

PALAVRAS-CHAVE: Alma. Movimento. Inteligência. Conhecimento. Morte. Imortalidade.

ABSTRACT

The goal of this paper is to study the conceptions and ideas about the soul in the Ancient Greek Philosophy, analyzing the conceptions of the various philosophers. Because of their importance and influence in Western Philosophy, and also because of their more complete vision, Plato and Aristotle receive special attention.

KEY-WORDS: Soul. Movement. Intelligence. Knowledge. Dead. Immortality.

* Doutor em Filosofia pela PUC/RS, professor de Ética no *Mestrado Acadêmico em Filosofia da UECE - CMAF* e Livre Docente em Filosofia Antiga pela *Universidade Estadual do Ceará - UECE*.

Introdução

Os Gregos, assim diz Werner Jaeger na sua obra magistral *A teologia dos primeiros filósofos gregos*,

[...] compartilham com os Judeus a honra de ter criado uma fé intelectualizada em Deus. Porém, foram os gregos sozinhos os chamados para determinar, durante vários milênios, a forma em que o homem civilizado devia conceber a natureza e o destino da alma¹.

E continuando a sua exposição, ele afirma e demonstra que esta concepção grega da alma começou a se desenvolver no decorrer do século VI, porque durante esta época cresceu a fé que a alma é divina e possui um destino metafísico e uma forma intelectual que a capacita a conquistar o mundo.

É interessante acompanhar o desenvolvimento da idéia da alma na filosofia antiga grega. Significa algo como levantar um véu que está cobrindo um tesouro. Mas, este levantar tem que ser realizado com extremo cuidado para não perturbar a ordem reinante ou se deixar ofuscar pelo brilho repentino das descobertas, o que significaria interpretá-las numa luz falsa e defeituosa. Para não queimar etapas e cometer anacronismos, mostrou-se imperioso dividir este estudo em três grandes partes:

1. A percepção da alma no tempo pré-socrático e socrático.
2. O desenvolvimento da “doutrina” a respeito da alma em Platão e nos neoplatônicos.
3. A crítica aristotélica.

¹ Jaeger, W. *La Teologia de los Primeros Gregos*. Mexico: FCE, 1992, p. 77.

Não será abordada, de forma explícita, a concepção da alma no período pré-filosófico; em razão da complexidade do assunto que exige uma aproximação crítica que excede o caráter deste estudo e estenderia longe demais os contornos das reflexões do presente estudo. Porém, onde se fizer necessário, como por exemplo, no Pitágoras, far-se-ão as referências exigidas pelo contexto.

I. A Filosofia Pré-socrática

No 1º Livro do *De Anima* Aristóteles afirma que tudo começou com Tales de Mileto: “[...] e alguns afirmam que ela (a alma) está misturada no universo. Foi essa a razão, talvez, que levou Tales também a pensar que tudo está cheio de deuses”². Tales afirma, também, que a alma é algo cinético, isto é uma realidade caracterizada pelo movimento, e, visto nesta perspectiva, a pedra possui uma alma pelo fato de ela mover outra pedra³. Seja como for, manifesta-se aqui em Tales uma tendência da filosofia grega, ao menos na narração de Aristóteles, que associa a alma ao movimento, enquanto uma outra a liga à respiração e ao sangue. De qualquer forma, a alma era considerada como fonte de consciência e de vida. Um homem com vida se move, mexe seus membros, fala e comunica-se, enquanto o homem morto perde a consciência, os sentidos. A alma, então, quando está dissociada do corpo, se torna uma mera sombra, e já não produz vida e movimento. Alias, esta vida, manifestada entre outras coisas pela alma, está em todo canto: o mundo é concebido como um imenso ser animado, porque manifesta um poder de mudança e de

² 411 a.

³ Cf. Peeters, *Termos filosóficos gregos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983, p. 199.

movimento que nem sequer é, decerto, predominante ou exclusivamente humano. Ao contrário, deve ser considerado divino pelo fato de ser devido à inerência de uma $\psi\upsilon\chi\eta$ imortal. Mas, qual seria a ligação entre a alma-ar, que anima seres como os homens e a Alma do mundo? O que Tales pensa a respeito continua um enigma. Talvez em consequência de Aristóteles não ter achado relevante a opinião dele a respeito, este não oferece nenhuma explicação complementar. Conseqüentemente, tudo fica bastante enigmático e aqui o campo é de suposições, por causa da falta de fontes mais seguras⁴.

A idéia *alma-ar* volta em Anaxímenes e Anaxágoras. Retomam estes pensadores um antigo pensamento de Homero⁵. Sugerem, porém, também um outro tipo de alma, o famoso $\tau\upsilon\mu\omicron\varsigma$ ⁶. Esta nova realidade nos coloca no campo sensorial e intelectual. Uma característica da presença desta alma é que ela é o elemento que mantém o corpo unido. Porém, quando ela se distancia, tudo se desintegra, deixa de se manter unido. Será que se pode pensar que aqui se caminha da concepção de uma alma pessoal para a alma no sentido de elemento vital do mundo, uma vez que para Anaxímenes o ar é o elemento originário de todas as coisas? Ou será que a expressão a “alma nos governa” deve ser entendida em sentido psicológico? A função do $\tau\upsilon\mu\omicron\varsigma$ muda para a da $\psi\upsilon\chi\eta$?

Um passo importante é dado nos pensamentos de Heráclito: o ar está sendo ligado ao conceito $\alpha\epsilon\tau\eta\rho$, ígneo:

⁴ Para Tales de Mileto, cf. Kirk, G.S. e Raven, J.E. *Os Filósofos Presocráticos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1982, p. 69-94.

⁵ Cf., e. o. Jaeger, o.c., p. 78-90.

⁶ Ousadia, coragem, como também, impulso ou ímpeto.

Sobre esta base constrói Heráclito uma teoria psicológica racionalista, em que pela primeira vez a estrutura da alma está relacionada não só com o corpo, mas também com a alma do mundo na sua totalidade⁷.

A alma é feita de fogo, assim identificando a sua natureza com aquela do princípio original e originante, desempenhando certa função no grande ciclo da mudança natural. Tem origem na umidade, mas a sua vida e a intensidade de sua presença está ligado ao fogo. Ela será totalmente destruída quando se transforma inteira em água; por isso Heráclito afirma: “uma alma seca é mais sábia e melhor”⁸. Uma alma que está úmida – por exemplo devida ao excesso de bebida – encontra-se diminuída na sua capacidade e faz com que seu possuidor se comporte infantilmente, sem discernimento e, também, sem força física. Embora pareça que os sentidos recebam e absorvam impressões ígneas – especialmente a luz através da vista – por “exalações” que também são realidades internas – provindas de sangue – “nunca se encontrará os confins da alma, embora percorrendo os seus caminhos; tão profundo é o seu logos”⁹. Acentua-se a diferença nítida entre o órgão e a função física: não tem sentido falar de mão profunda ou de orelha profunda. Assim Heráclito parece expressar que a alma possui uma qualidade particular, não relativa ao espaço, nem à extensão, mas estendendo-se ao infinito, ao contrário das coisas que são de índole física.

Qual o destino da alma? Não obstante o fato de que Heráclito aceitar, com a corrente órfica, prêmios e castigos

⁷ Kirk-Raven, o.c., p. 208.

⁸ Id.

⁹ Cf. Kirk-Raven, o.c., p. 182-239; Reale, G., *História da Filosofia Antiga*, v. 1. São Paulo: Loyola, 1996, p.70.

depois da morte, a tendência do seu pensamento – ao menos na opinião de Reale e Kirk-Raven¹⁰ – parece não permitir falar em uma alma pessoal ou em um além-morte. Fundamenta-se esta opinião no fato de que as almas debilitadas pelas doenças perdem seu último resíduo de fogo e se tornam demasiadamente aquosas, em outras palavras, deixam de existir como almas. As almas daqueles que morrem em combate, entretanto, são predominantemente ígneas e, por isso, reúnem-se ao fogo etéreo, princípio universal de tudo.

Com o surgimento da *Escola Pitagórica* chega-se a uma nova fase da concepção grega a respeito da *psyché*. No contexto pitagórico é de fundamental importância considerar a expressão “escola” no seu sentido original. Não se trata somente de um grupo de pensadores que seguem e comungam uma mesma linha de pensamento: a escola pitagórica é tudo isso e muito mais, é uma fraternidade “*misteriosa*”¹¹, que tem como finalidade não a pesquisa científica mas a realização de um determinado projeto de vida. Como as Escolas helenísticas ela é antes de tudo “*une choix de vie*”, na expressão de Hadot¹², em que a prática da ciência é um meio para chegar à perfeição, e não um fim em si. Todos que pertencem à escola anseiam pelo bem comum e a partir deste desejo orientam todas as ações de sua vida, por meio de exercícios pessoais e comunitários. A fraternidade era fechada, porque almejava a participação do *μυστηριον*; a sua doutrina era, por isso, um segredo e fechada para não-iniciados; mesmo os iniciados não podiam

¹⁰ Kirk-Raven, o.c., p. 212-213.

¹¹ Isto quer dizer: reunido em nome e em torno de uma determinada crença ou fé, que é celebrada por iniciados, com rituais especiais que não podem ser revelados a estranhos “à comunidade dos iniciados”.

¹² *Qu'est-ce que la philosophie antique?* Paris: Gallimard, 1995, p. 155-161.

comentar ou revelar essa doutrina. Que os pitagóricos levaram a sério essa recomendação pode-se constatar historicamente: muitas de suas posições ou são desconhecidas ou só conhecidas vagamente¹³.

O que parece estar no centro da tradição pitagórica é uma outra maneira de encarar a $\psi\upsilon\chi\eta$, que parece pouca a ver – ou talvez até nada – e dever ao pan-vitalismo dos Milésios: “A alma é de origem divina, sobrevive à morte do corpo; a sua operação pode ser mais bem observada nos sonhos onde é ativa enquanto o corpo dorme¹⁴.”

Quais tenham sido as origens desta crença – há claras referências órficas e, na opinião de certos autores, também recordações do xamantismo¹⁵ – a partir deste momento encontram-se na filosofia grega as idéias de *palingenesia*, *anamnesis*, *antagonismo entre corpo e alma*, e outros pensamentos baseados numa clara distinção entre corpo e alma. Essa alma, embora de origem divina, entra no corpo do recém-nascido com a primeira respiração, e constitui o princípio motor da vida da pessoa, saindo com o último alento do agonizante, para dar lugar à imobilidade da morte. E assim poderá passar de um corpo a outro, seja de um homem, seja de um animal, de acordo com os seus méritos ou deméritos na condução de sua vida cotidiana.

¹³ Cf., entre outros, o excelente estudo de W.K.C. Guthrie, *A History of Greek Philosophy*, T. I, *The earlier Presocratics and the Pythagoreans*, p. 146-340; cf., também, Jean François Mattei, *Pitágoras e os Pitagóricos*. São Paulo, Paulus, 2000.

¹⁴ E. Zeller-R. Mondolfo, citado em: Reale, op. cit., v. 1, p. 88-89. Cf., também, John Burnet, *O Despertar da filosofia grega*. São Paulo: Siciliano, 1994, p. 78-79.

¹⁵ Cf. e.o. Cornford, *Principium Sapientiae. As origens do pensamento filosófico grego*. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989, p. 141-172.

Aqui se sobressai, claramente, a idéia da alma-movimento. Uma outra corrente no pitagorismo, assim atestam Platão e Aristóteles, afirma a alma ser ou ter *harmonia*. Assim, por exemplo, Platão diz, no Fédon, que a lira pode se quebrar, mas a música, a harmonia fica¹⁶.

O que mais chama a atenção – e o primeiro a ensinar isso de modo explícito parece ter sido mesmo Pitágoras – é a crença dos pitagóricos na metempsicose ou palingenesia. Conforme nos conta Diógenes Laércio, Pitágoras afirmava de se recordar de quatro de suas vidas ou encarnações anteriores:

[...] em outra encarnação fora Aitalides, e que se considerava filho de Hermes, e que Hermes lhe concedera a graça de escolher o que quisesse, à exceção da imortalidade. Ele pediu para poder, seja enquanto vivo, seja depois de morto, guardar a recordação de tudo que acontecesse. [...] Subseqüentemente voltou ao mundo no corpo de Êuforbos, e foi ferido por Menêlaos. [...] Morto Êuforbos, sua alma encarnou-se em Hermôtimos, e este também querendo dar credibilidade a seu relato, dirigiu-se a Branquidai, e entrando no templo de Apolo, mostrou o escudo que Menêlaos havia consagrado ao deus. [...] Morto Hermôtimos, Pitágoras passou a ser Pirros, um pescador de Delos; recordava-se novamente de tudo [...]¹⁷.

A alma é constringida a reencarnar-se muitas vezes, em sucessivas encarnações corpóreas, expiando uma culpa originária cometida. Essa transmigração da alma não ocorre

¹⁶ Fédon, 86 a. Assim, a *Teologia de Aristóteles*, na sua reflexão sobre a essência da alma, cita a opinião dos Pitagóricos a respeito de a harmonia ser esta essência (*Tratado* 1º, f).

¹⁷ *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*. Tradução do Grego, Introdução e Notas de Mario da Gama Kury. Brasília, UnB, 1988, p. 229-230.

necessariamente para outra forma humana, depende da maneira em que a pessoa levou a sua vida: de forma piedosa ou impiedosa, praticando a virtude ou se entregando aos vícios¹⁸.

Afirma-se, portanto, de forma categórica, que a alma é imortal: a sua existência continua após a morte. A sua natureza é, conseqüentemente, divina¹⁹ e o ideal da alma humana parece consistir no fato de chegar à sua reabsorção pela alma pura, que é a outra metade da alma peregrina impura. Nesta perspectiva a união da alma e do corpo deve ser considerada como uma punição e uma expiação.

Assim, o homem não deve viver em função do seu corpo e das necessidades deste, mas em função da alma. Isto quer dizer, o homem deve viver uma vida que seja capaz de purificá-lo de suas impurezas. Como poderá realizar isso? Entre outras coisas, através da prática da ciência, expressa no estudo constante e contínuo, com ênfase especial na “ciência dos números”, misturada – é só olhar para a literatura da “fraternidade”, – com práticas supersticiosas e misteriosas: tudo, porém, com uma grande finalidade: tornar o corpo dócil à alma²⁰.

Na mesma linha desenvolveu-se o pensamento do “mago” *Empédocles*, que no seu famoso poema *As Purificações* apresenta a queda do homem e as práticas que se tornam

¹⁸ Em Diógenes Laertios encontramos, em VIII, 36, o seguinte: “Sobre o tema da reencarnação, Xenófanes dá testemunho numa elegia que começa assim: ‘Agora vou passar a outro conto e mostrar o caminho’. O que ele diz acerca de Pitágoras reza assim: ‘Uma vez, dizem eles, ele ia a passar quando um cachorrinho estava a ser açoitado, e ele encheu-se de pena e disse: – Parem, não lhe batam, pois é a alma de um amigo que reconheci ao ouvi-lo ladrar’”, p. 286.

¹⁹ Para os antigos gregos, a imortalidade é um atributo divino.

²⁰ Diógenes Laertio, op. cit. p. 233.

necessárias para sua redenção²¹. O homem, melhor a alma do homem, é um “*daimon*” que por causa de uma culpa originária foi banido do Olimpo dos bem-aventurados, jogado num corpo perecível e ligado ao ciclo dos nascimentos. Banida, então, a alma percorre os elementos, bases da realidade terrestre, a saber: terra, ar, fogo e água, e quem souber se purificar através de uma vida digna e virtuosa, encarnar-se-á progressivamente em vidas mais nobres, até escapar por completo do ciclo dos nascimentos. Desta maneira ela liberta-se das limitações inerentes à matéria, voltando a ser deus entre os deuses: reconquistando a inocência e a bem-aventurança originais. A título de ilustração: antes de voltar à situação original, o homem estará no penúltimo grau que é constituído por profetas, bardos, médicos e príncipes. Diz a lenda, que Empédocles foi tudo isso: “eu ando no meio de vós como um deus imortal, não já como um mortal”²².

Pode se afirmar, baseado nos testemunhos apresentados, que a tendência da filosofia grega era considerar a alma como algo divino. A única voz contrastante, – e por causa de seu sistema não podia ser diferente – são os *Atomistas* em cuja concepção básica o material e o imaterial estão no mesmo plano: do ser e do não-ser. Assim, a alma é material, é constituída por átomos, qualitativamente iguais, porém quantitativo e geometricamente diferenciadas de outros átomos: mais leves, mais lisos, mais sutis, de natureza ígnea, assim são as idéias-átomos que formam a alma²³. Propagam-se eles por todo o corpo, dando origem aos movimentos, que são o sinal de vida. O perigo,

²¹ Para uma análise deste poema, cf. W.K.C. Guthrie, o. c. v. II, p. 244-265.

²² Diógenes Laertios, o. c., p. 244.

²³ Cf. Paul Nizan. *Os materialistas da Antiguidade*. São Paulo: Mandacaru, 1989, p. 101-105.

porém, é que por sua sutileza saiam do corpo, mas, pela respiração acontece a reintegração dos átomos ígneos que saíram. Evidentemente, cessando a respiração, todos os átomos, que formam a alma, escapam e assim ocorre a morte da pessoa.

A alma, então, é da mesma natureza do que o corpo e torna-se difícil sustentar a sua superioridade, como também procura quais os seus bens, e como cuidar de seus interesses. É difícil entender como as almas podem ser chamadas pelos Atomistas de divinas, embora o fato talvez se explique pela forma especial que elas possuem, e também pela constatação que “como todos os seus predecessores, também os Atomistas identificaram o divino com o que há de mais elevado no seu sistema”²⁴.

O primeiro grande período da reflexão filosófica grega termina com os *Sofistas*²⁵. Antes que filósofos são eles grandes estudiosos, comentaristas e renovadores das grandes questões morais: o homem torna-se o eixo central de sua preocupação. Neste ponto ganham fama como os revolucionários da educação grega. “Porém, – assim Reale – nunca chegaram a uma precisa, consciente e razoável determinação da essência do homem. Nenhum dos sofistas nos disse *tematicamente* o que é o homem”²⁶. Pensaram a respeito da alma o que as grandes correntes da filosofia grega pensaram, sem renovar ou inovar. Tem que se esperar por Sócrates e Platão para encontrar a realização desta tarefa: pensar e fundamentar a essência do homem e, a partir daí, elaborar as grandes linhas do seu ser e seu agir.

²⁴ G. Reale, *História da Filosofia Antiga*, v. I. São Paulo: Loyola, 1995, p. 160.

²⁵ Cf. Gibert Romeyer-Dherby, *Os Sofistas*. Lisboa: Edições 70, 1986. Cf., também, Jaeger, W., *Paidéia*. São Paulo: Martins Fontes, 1979, p. 311-354; Guthrie, W.K.C., *Sofistas*. São Paulo: Paulus, 1995.

²⁶ G. Reale, o. c., p. 240.

II. Platão e os Neoplatônicos

A alma é um assunto amplamente tratado por Platão. Ele percorre, além da *Apologia de Sócrates*, todos os diálogos tanto os da juventude – como *Crátilo* –, quanto os da maturidade e da velhice – como, respectivamente, *Fédon*, *Fedro*, *a República* e *Timeu*. Em grande parte deles aparece o mestre Sócrates, que nos apresenta a sua doutrina sobre a alma, isto é, a identificação plenamente consciente e temática da $\psi\upsilon\chi\eta$ com o eu intelectual e moral, e com a personalidade do homem²⁷. Porém, difícil dizer quando é realmente Sócrates que fala, ou quando Platão fala através de Sócrates. “A contribuição de Platão consiste em ter dado fundamentação metafísica à reforma socrática”²⁸. Por causa disso, apresenta-se tudo que é demonstrado nos diálogos e nos escritos platônicos como “*a doutrina de Platão*”, seguindo o exemplo dos maiores especialistas em Platão.

O que Platão pensa sobre a alma é apresentado através de vários tipos de argumentação: de um lado temos a *dialética*, nos mostrada como a arte de convencimento, no processo maiêutico, onde do particular se ascende ao universal, e do universal se desce ao individual; do outro temos Platão falando através de mitos, os mais famosos do Livro X da *República*, o mito do Er, e do *Fedro*²⁹.

Mostra-se, assim, um problema constantemente presente na preocupação platônica, e – em formas novas ou repensadas – no neoplatonismo, especialmente na figura de Plotino. Isto fez Antônio Freire dizer:

²⁷ Cf. Reale, o. c., p. 217.

²⁸ Reale, o.c., p. 217.

²⁹ Cf., entre outros, Jan G. J. ter Reegen, *Uma introdução para a leitura dos Mitos em Platão*. Fortaleza: UFC, *Educação em Debate*, 20/38, 1998, p. 146-153.

A doutrina da alma é, sem dúvida, um dos problemas que mais nos atraem e prendem na filosofia de Platão, pela *frequência* com que se nos depara através de suas obras, pela *grandiosidade* de concepção espiritualista e pela *nobreza* de sentimento moral, pela *multiplicidade de argumentos* com que o filósofo tenta sustentar cada uma das suas asserções, particularmente a imortalidade [...]”³⁰.

Mas, o que é, afinal, a alma para Platão ? Qual a sua natureza ? Em *Timeu* Platão afirma o seguinte:

[...] assim no concernente à alma, o que ela encerra de mortal e o que de divino, a propósito da questão de saber em que lugar, com que outros princípios e por que causa ela recebeu diversas moradas, se dissemos a verdade, apenas o assentimento de um deus disso poderia nos certificar. Mas, que tenhamos estabelecido coisas verossímeis, neste momento, quanto mais consideramos a questão, mais podemos afirmá-lo sem receio³¹.

Isto bem manifesta a posição de Platão: nas questões que tratam do sobrenatural, do supra-sensível, não se encontra linguajar claro e peremptório, pelo contrario, há a tentativa de se expressar da melhor maneira possível para revelar as verdades que não são intuídas, mas de que se tem alguma lembrança. Por isso, o uso dos mitos.

Então, o que mais sobressai na questão da natureza da alma em Platão é a sua afirmação que ela é:

- espírito puro
- de existência anterior
- acidentalmente unida com o corpo.

³⁰ Citação perdida.

³¹ 72d.

Guthrie, seguindo a opinião da maioria dos platonistas, expressa a mesma idéia, dizendo que a substância da alma “é dos deuses, porque ela tende à sabedoria”³². Mas, completa: a única parte imortal, por causa disso, está limitada ao intelecto.

A sua natureza consiste em ser a $\alpha\rho\chi\eta$, o princípio, o elemento original que dá vida a tudo, o princípio que move a si mesmo e que dá o seu movimento ao corpo, em si inerte. Move-se por seu próprio movimento, isto quer dizer, pela vontade, pelo conselho, pelo juízo, até pela emoção, mas sobretudo pelo Eros³³. Em outras palavras, Platão afirma que todo o movimento do homem encontra a sua origem na percepção de uma finalidade. Outra expressão usada neste contexto por Platão para indicar o movimento próprio da alma: ele é “um desejo do bem”. Assim encontramos a essência do movimento da alma: conhecer, tender para (e podemos concluir) sobre as asas do Eros³⁴.

Disto, também, se conclui que para Platão o homem não é uma unidade substancial (como afirmará mais tarde Aristóteles), mas antes uma unidade accidental: corpo e alma, essencialmente diversos, se encontram juntos apenas provisoriamente, durante esta vida, no tempo presente, mas ao perecer o corpo, alma liberta-se e volta ao seu lar original.

³² G. Reale, o.c., Vol.IV, p. 90. A sabedoria é exclusiva dos deuses, porque ela é o imutável estado de posse da verdade, que não pertence ao homem no seu estado atual, mas de que ele tem uma vaga lembrança, do tempo que sua moradia era junto aos deuses. Agora, se viver conscientemente, tende para alcançar o seu estado antigo.

³³ Cf. Dion Davi Macedo. *Do Elogio à Verdade. Um estudo sobre a noção de Eros como intermediário no Banquete de Platão*. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

³⁴ Banquete, 204b.

A alma é essencialmente espiritual, isto é, sem dependência intrínseca da matéria e, também, – vale a pena lembrar –, mais antiga do que o corpo, por causa de sua existência anterior, junto aos deuses, onde gozou da visão das Formas ou das Idéias. Então, possui a ciência, a sabedoria, embora esquecida, constantemente interrompida e enfraquecida na vida concreta pela matéria, quer dizer, pela corporalidade cujo direcionamento é diferente do objetivo da alma, e só a duras penas consegue alinhar-se à tendência essencial da alma: a visão das Formas ou Idéias permanentes. O corpo funciona como instrumento para a percepção das coisas sensíveis que, por sua vez, só valem enquanto referem à Realidade Verdadeira, lembranças que são de um outro, o verdadeiro mundo, que existe além dos sentidos.

A gestão da simplicidade da alma está ligada à questão da sua espiritualidade. O que é espiritual, para Platão, não pode ser dividido; não pode ser composto mas deve ser simples. Mas, tanto na *República*³⁵, como no *Fedro*³⁶, é apresentada uma divisão em três partes da alma, a que na Política e na Cidade correspondem tanto as classes principais dos cidadãos quanto o tipo de governantes. Do mesmo modo encontramos estas três partes no *Timeu*³⁷, onde lhe são atribuídas seus lugares apropriados no corpo, interligando-as pela medula espinhal. São elas:

– o “*epitumatikon*” ou a parte apetitiva, ligada à concupiscência, cuja virtude principal é a temperança (a famosa σοφροσυνη), situada no ventre e baixo-ventre;

³⁵ 435c-444c.

³⁶ 244ab.

³⁷ 89a-d.

- o “*tumoeides*” ou a parte irascível, cuja virtude principal é a coragem, a **ανδρεία**, situada no coração;
- o “*logisticon*” ou a parte superior, só esta imortal, cuja virtude principal é a sabedoria, a célebre **σοφία**, situada na cabeça.

Surge, então, a pergunta: se fizer a alma composta quer dizer a mesma coisa que torná-la mortal, como, então, pode Platão defensor da sua imortalidade, afirmar a sua tripartição? Além disso, é preciso se lembrar que a essência da alma é idêntica ao **νοῦς**, à inteligência, à faculdade que o homem divide com os deuses e pela qual acessa à verdade. Todas as sensações são obra da corporalidade, mas, não se pode negar que a **ψυχή** é mais do que o **νοῦς**, sendo também fonte de desejos, de paixões. Platão elucida este fato através do exemplo do homem que está com sede e que quer beber; sabe que não é prudente beber qualquer água, mas, mesmo assim, alguns o farão, enquanto outros conseguem resistir. A solução desta “aporia” estaria na seguinte afirmação, Platão considera a alma sob dois aspectos diferentes, ou na pureza da sua condição primitiva, ou no estado atual da união com o corpo, o que soa igual ao que está escrito na *República*,

Que a alma é, por conseguinte, imortal quer o argumento de há pouco[...] Mas para saber o que é na verdade, não devemos examiná-la deteriorada pela união com o corpo e outros males, que é com actualmente a vemos, mas tal, como ela fica depois de purificada, é assim que devemos observá-la cuidadosamente pela razão³⁸.

Porém, a mitologia usada em Platão parece indicar uma outra direção, a da tripartição da alma: os textos falam de que até os deuses devem guiar “o carro puxado pelos

³⁸ 611.

cavalos”³⁹ – imagem poderosa da alma no seu aspecto irascível e apetitivo –, mas o fazem sem dificuldade, tendo o perfeito domínio, porque são possuidores da sabedoria ou da ciência, não sofrendo queda nenhuma, como é caso do homem. Além disso, depois da morte o homem não tem a garantia de estar completamente livre de paixões, visto que continua contaminado pelo corporal e pelo sensitivo. Por causa disso terá que se reencarnar até o perfeito equilíbrio, isto é o domínio completo da ciência ou da Sophia na sua vida, o que aliás somente o filósofo, ou o homem que se torna filósofo, conseguirá realizar em plenitude.

Parece, então, que neste caso da unicidade ou tripartição da alma se trata de uma única realidade, porém com três funções; esta opinião é sugerida pelo próprio Platão quando da sua exposição sobre a origem da alma.

Uma das mais importantes propriedades desta alma é a sua imortalidade, que é para Platão não somente uma opinião mas uma ciência, não fazendo, conseqüentemente, parte de uma fé religiosa ou de uma moral, mas assumindo um lugar importante e essencial na construção especulativa de sua filosofia.

É no diálogo *Fedon*⁴⁰, entre outros, que encontramos, sistematizadas, as provas da imortalidade da alma. Ela é deduzida da:

– geração recíproca dos contrários: se morresse tudo o que é vivo, assim permanecendo e não revivendo mais, a morte total não seria a conseqüência disso?

³⁹ *Phedro*, 246ab.

⁴⁰ 70-89b. Cf., entre outros, Bento Silva Santos. *A imortalidade da alma no Fedon de Platão. Coerência e legitimidade do argumento final (102a-107b)*. Porto Alegre: Edipucrs, 1999.



– da reminiscência: de acordo com essa razão de que a nossa aprendizagem não é senão um simples recordar, é preciso ter aprendido antes o que se recorda no presente. Isto não poderia acontecer se a nossa alma não tivesse vivido em outro lugar, antes de ter entrado neste estado de “pessoa humana”, composta de razão e corpo;

– da superioridade da alma em comparação com o corpo, que se expressa, entre outras, da seguinte maneira: não podem ser apreendidas pelo corpo as idéias de Beleza, Justiça e Ser, mas esta aprendizagem é reservada à alma, que raciocina com maior pureza, quando não está sendo perturbada por nenhuma sensação, de origem corporal.

A alma deve, então, ser o dirigente do corpo, das suas tendências, dos seus desejos. Imortal, parente dos deuses, o ideal supremo da alma, como já demonstramos, é voltar ao seu “*status*” anterior. Isto exige uma ascese, uma vida “regrada”⁴¹. Se o homem não viver em conformidade com a racionalidade da alma, depois de sua morte renascerá em situação pior do que antes. Os bebedores e os comilões, por exemplo, renascerão como burros, os tiranos como lobos, os ladrões como abutres. Existe um mérito ou castigo depois da morte, que corresponde à maneira em que a vida foi levada. Para que a alma, o homem, seja considerada digna de louvor ou reprovação, haverá um julgamento, que levará os que viveram bem para junto dos deuses. Mas, aqueles que viveram bem, porém com falhas, serão levados para o lago Aquerusias, um verdadeiro paraíso. Porém, quem viveu mal, vai para o abismo do Tártaro. Neste sentido, Platão insiste que a vida

⁴¹ Cf., entre outros, os comentários de Platão, na *Sétima Carta*, sobre a vida desordenada que os sicilianos levam, incluídos os seus reis: qualquer tentativa de educá-los para a filosofia, é destinada a fracassar.

do filósofo deve ser um exercício para a morte: o homem deve se preparar para o solene e sublime momento do julgamento, que depende de sua vida conforme os ditames da razão⁴².

Tudo isto se torna mais claro, ainda, quando nos aproximamos do diálogo *Timeu*⁴³, um dos últimos, senão o último, dos escritos platônicos, em que o Mestre descreve a origem da alma: ela é concebida como o elo entre o Ser e o Devir. De um lado é aparentada às Idéias, de forma que é capaz de conhecê-las; de outro é orientada para o corporal a fim de ordená-lo conforme as Idéias. As coisas são assim, porque foi assim que o quis o Demiurgo, aquele que faz a Alma do mundo e as almas individuais como uma mistura do Ser, do Idêntico e do Outro. Cada ingrediente é feito composto do Indiviso, ou as Idéias, e do Divisível, a matéria. Na Alma do mundo, a mais perfeita de todas as almas, todos os ingredientes estão em perfeita harmonia. Porém, nas almas inferiores, às quais pertence a alma humana, as proporções entre as diversas partes são menos harmoniosas, razão pela qual elas possuem liberdade de se virar para o eterno ou para o terrestre. No primeiro caso manifestam ciência, no segundo ignorância.

Embora devamos reconhecer que Platão deixa muitas perguntas e interrogações, encontramos nele uma belíssima filosofia que “mexe” com as pessoas. A responsabilidade pessoal, a necessidade de superação, a idéia de uma pátria eterna de perfeita felicidade correspondem às mais profundas aspirações do homem, em todos os tempos.

⁴² O texto mais expressivo é, sem dúvida, o belíssimo *Mito do Er* (*República* X, 615a-617. Cf., também, *Fedon*, 81a-82c).

⁴³ 41d-42.

Esta teoria encontra, entretanto, uma nova dimensão na filosofia neoplatônica, especialmente nas Enéadas de Plotin⁴⁴. A alma humana participa da Alma universal, terceira hipóstase, ela é para o corporal, a matéria, um princípio de unidade e de atividade. Às muitas partes do corpo participa unidade, sem perder nada desta unidade: ela está presente em cada parte, totalmente. Por natureza manifesta uma dupla orientação: uma para o alto, o mundo inteligível, procurando a volta ao princípio absoluto, o ser acima de todo o ser, o Uno Absoluto; outra para baixo, para o indeterminado, princípio da multiplicidade e da dispersão, o mundo sensível. A primeira orientação coloca a alma em contato com o repouso do Espírito contemplativo, a segunda dá ao material organização e atividade. Assim, ela assume uma posição entre o transcendente e o mundano: por sua essência pertence ao primeiro, por sua tarefa e atividade ao segundo. Assim, a alma não é só conhecimento, mas, também, tendência e cuidado. Mas, por causa de sua ligação com o múltiplo, por estar no mundo sensível e pelo fato de, muitas vezes, se comprometer com este mundo, o seu conhecimento não é intuição pura, mas raciocínio e discursividade, que implica um antes e depois, quer dizer de seqüência, que é uma propriedade da temporalidade, inimaginável para o mundo inteligível, mas característica do sensível. A sucessividade na operacionalidade da alma, nos oferece, então, o aspecto “tempo”, que é uma extensão, uma espécie de descompressão da concentração da eternidade. Isto sucede pelo nascimento do mundo material, que está imerso no tempo e por ele é medido. A alma, porém, cria o tempo e não lhe é sujeita, na medida

⁴⁴ Especialmente a IVa Enéada.

que não conhece nem nascer, nem morrer em razão de sua origem e do seu destino⁴⁵.

A alma humana, então, nunca coincide plenamente com a totalidade de seus objetos, em razão de conhecê-los de modo sucessivo; por isso deve integrá-los através da memória, ao lembrar-se da sua vida anterior, no mundo inteligível. A este mundo, em raríssimos momentos de ectase, o homem pode ter um acesso pontual, cuja profundidade o confirma no caminho à procura da verdadeira sabedoria, da ciência⁴⁶.

III. A Filosofia de Aristóteles

Em Aristóteles a visão poética e profética, que tanto encanta no Platão, desaparece e cede lugar a uma exposição mais objetiva e racional. Famosa, neste contexto, é a sua obra *De Anima* em que encontramos não somente preciosos dados históricos, apresentando opiniões dos filósofos anteriores, mas sobretudo uma reflexão sobre a essência da alma e as suas operações. Podemos supor que o novo estilo do Estagirita se deve, entre outros, à sua reserva a respeito da existência do Mundo das Idéias e, em consequência disso, da teoria da participação, substituída pela noção de “δυναμις”, potência, junto – e como consequência – com a afirmação da imanência das idéias.

Quanto à alma, antes de tudo, ela não preexiste, nem é eterna, nem se lembra, por isso, nada de uma vida anterior, que seria o princípio originário de sua ciência. Ela nada mais

⁴⁵ Cf., entre outros, P. Hadot, *O que é a Filosofia Antiga*, São Paulo: Loyola, p. 227-243.

⁴⁶ Cf., por exemplo a famosa visão ou éctase de Plotino, *Enéadas*, IV, 8.

é do que a “entelequia”, isto é, o estado de completude ou atualidade do ser animado, ou, usando um termo mais comum: a forma das coisas vivas, inclusive do homem. O corpo significa a potência, o poder ser, a matéria, a determinabilidade, enquanto a alma é a forma, a determinação, a perfeição, o ser. Corpo e alma são relacionados, embora consideradas substâncias completas em si, embora em graus diferentes, e necessitam uma da outra para constituir o ser vivo, que conseqüentemente é um ser composto. A alma causa no corpo determinadas atividades, que significam uma progressiva atualização daquele ser. O corpo deve ter, por sua estrutura ou “organização”, capacidade para receber a alma e desta forma possibilitar determinadas atividades, características à forma que recebe. Nesta perspectiva os diferentes graus de vida, dos vários seres diferentes, não somente em espécie, mas também em gênero, são caracterizados por tipos correspondentes de atividade. Por isso, não somente se distinguem na alma várias partes ou potencialidades, em que a mais alta sempre inclui a mais baixa, mas nos vários seres vivos há almas correspondentes.

Assim, a alma do homem, o ser composto mais completo e importante, apresenta a seguinte composição:

– a parte vegetativa ou $\theta\rho\epsilon\pi\tau\iota\kappa\omicron\nu$ cuja atividade é a nutrição e a procriação⁴⁷. “Suas funções são a geração e o uso dos alimentos. Porque a mais natural de todas as funções do ser vivo, acabado e não incompleto, ou cuja geração não é espontânea, consiste em criar um outro ser semelhante a si, o animal um animal, e a planta uma planta, para assim participar do eterno e do divino, na medida do possível”⁴⁸.

⁴⁷ *Sobre a Alma*, 416b-417^a.

⁴⁸ O. c. 415^a.

– a parte sensitiva ou **αισθητικον**⁴⁹; que é apresentada não como ser ato, mas apenas como potência, não podendo, então, existir em nenhuma hipótese sem a sensação, “assim como o combustível não pode consumir-se a si próprio sem o princípio da combustão”. A sua primeira função é a sensação, de que deriva a produção de imagens, que por sua vez são guardadas pela memória, princípio da experiência que é o armazenamento dos fatos lembrados. Além disso, há, ainda, o apetite e movimento.

– a parte intelectual ou **διανοητικον**⁵⁰, a respeito da qual existe a célebre e complicada opinião sobre o intelecto passivo, que é o intelecto do homem que possui a potência de conhecer as formas inteligíveis que estão imanentes nas coisas existentes, e o intelecto agente ou ativo, que é o elemento atuante das formas inteligíveis que estão em potência nas coisas e desta forma as torna compreensíveis. Para Aristóteles o intelectual ativo deve ser considerado a parte da alma que é imortal e é por ele comparado com a luz que ativa a vista⁵¹. Ela, a alma intelectual, é irreduzível ao corpo e por isso transcendente ao sensível: assim Aristóteles afirma que existe no homem um elemento que pode ser chamado de supra-física, ou seja, espiritual.

⁴⁹ O. c., 417.

⁵⁰ O. c., 429a-430a.

⁵¹ Sem dúvida uma das partes mais discutidas da doutrina aristotélica. Na Idade Média a questão chegou a um ponto que se tornou objeto de divisão entre a Faculdade de Teologia e a Faculdade das Artes, cujos filósofos são chamados de “aristotélicos ortodoxos”. Além da imortalidade da alma, surge a questão: se ela existir, ela deve ser concebida como individual ou coletiva? O intelecto ativo é Deus ou somente reflete as características do divino?

A “alma”, a forma do corpo, será, então, uma enteléquia, isto é a perfeição e atualização, de um corpo natural, que tem a vida em potência, isto é, matéria e forma constituem um corpo organizado. Se, então, isto for uma definição geral, que pode ser aplicada a todo tipo de alma que se pode encontrar, afirmar-se-á que a alma é a enteléquia, a primeira forma natural de perfeição. Define-se, então, deste modo em termos gerais, o que é a alma: ela é uma substância no sentido de forma, isto é a “quididade” de um corpo de uma qualidade determinada:

[...] na eventualidade de ser, por conseguinte, necessária uma definição a ser aplicada a toda espécie de alma, podemos nós afirmar que é ela a enteléquia primeira de um corpo natural orgânico⁵².

Então, da alma de cada ser depende a sua finalidade e a realização desta. O homem, em razão de sua alma racional, é chamado à contemplação, realização plena de sua dimensão intelectual. Nisto consistirá a sua felicidade.

Para Aristóteles, entre outras coisas, a alma, na sua totalidade, não é imortal. Sendo forma do corpo ela não pode sobreviver à dissolução da união com o corpo. Mas não há nada que evite que uma faculdade da alma seja separável, o que seria no caso a faculdade intelectual ou racional, não no sentido de receptor, ou passivo, mas como formador de idéias, como ativo. Esse intelecto ativo, pessoal ou genérico, teria, então, a imortalidade.

⁵² De An. 412b, 5.

Conclusão

Peregrinou-se pelo tempo; apresentaram-se várias opiniões da filosofia antiga a respeito da concepção da alma; sua essência, suas qualidades, e sua função foram apresentadas. O objetivo foi chegar a um entendimento mais apurado a respeito da realidade “alma”, tão rica em seu conteúdo, mas também tão misteriosa. O percurso pelo passado mostrou um mundo extremamente variado, oferecendo opiniões e teorias que revelam um mundo em que reinam outros valores do que em nossos dias. Mas, também, trouxe uma certeza: o elemento espiritual no homem supera todos os tempos e tende, em qualquer forma que seja, a uma felicidade duradoura.